



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



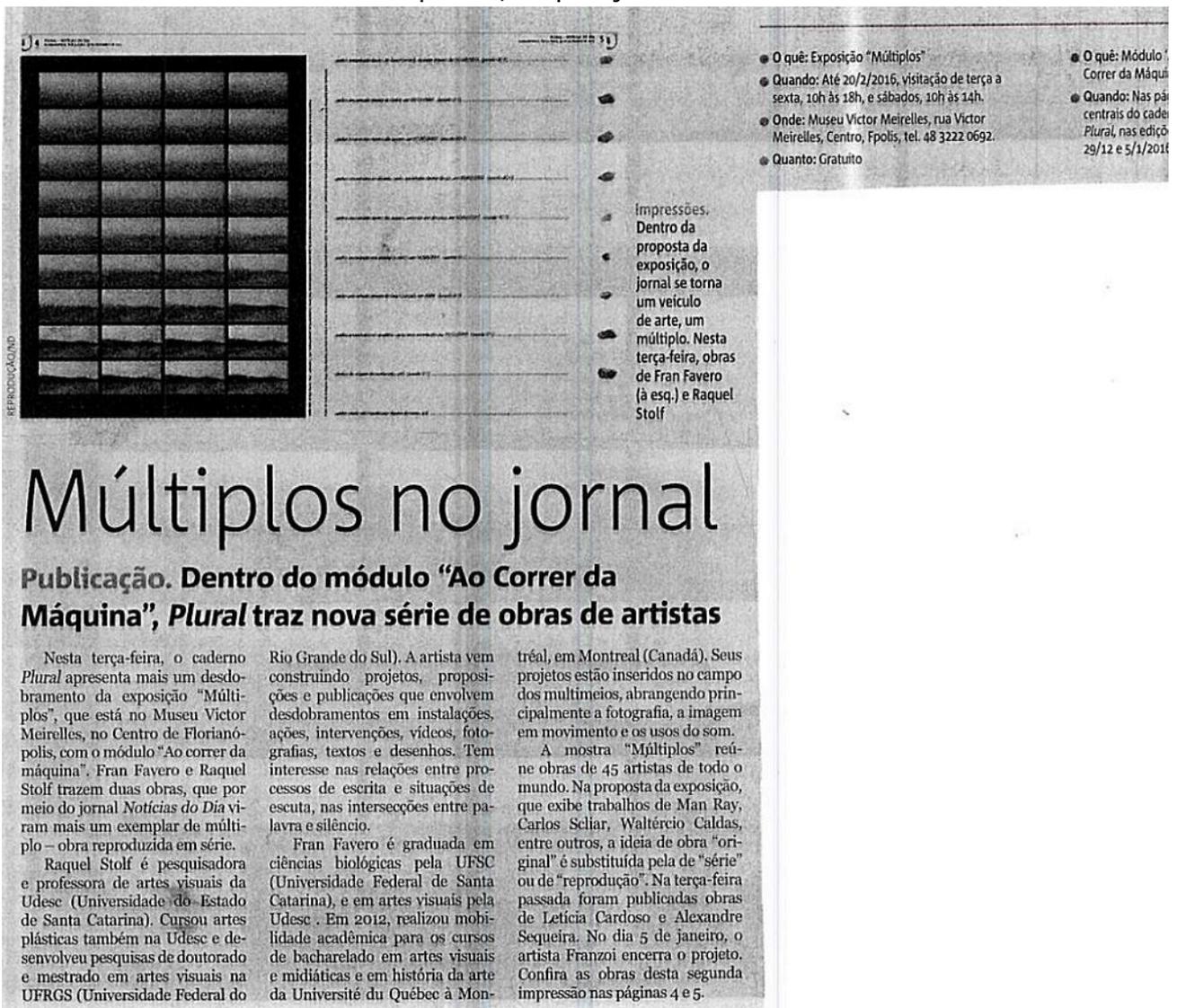
Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

29 de dezembro de 2015

Diário Catarinense Plural

“Múltiplos no jornal”

Múltiplos no jornal / Ao correr da máquina / Museu Victor Meirelles / Florianópolis / Fran Favero / Raquel Stolf / Notícias do Dia / Udesc / Universidade do Estado de Santa Catarina / UFRGS / Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Ciências Biológicas / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Artes visuais / Université du Québec à Montreal / Canadá / Man Ray / Carlos Scliar / Waltércio Caldas / Leticia Cardoso / Alexandre Sequeira / Exposição



REPRODUÇÃO

Impressões. Dentro da proposta da exposição, o jornal se torna um veículo de arte, um múltiplo. Nesta terça-feira, obras de Fran Favero (à esq.) e Raquel Stolf

- O quê: Exposição “Múltiplos”
- Quando: Até 20/2/2016, visitação de terça a sexta, 10h às 18h, e sábados, 10h às 14h.
- Onde: Museu Victor Meirelles, rua Victor Meirelles, Centro, Fpolis, tel. 48 3222 0692.
- Quanto: Gratuito

- O quê: Módulo “Ao Correr da Máquina”
- Quando: Nas páginas centrais do caderno *Plural*, nas edições 29/12 e 5/1/2016

Múltiplos no jornal

Publicação. Dentro do módulo “Ao Correr da Máquina”, *Plural* traz nova série de obras de artistas

Nesta terça-feira, o caderno *Plural* apresenta mais um desdobramento da exposição “Múltiplos”, que está no Museu Victor Meirelles, no Centro de Florianópolis, com o módulo “Ao correr da máquina”. Fran Favero e Raquel Stolf trazem duas obras, que por meio do jornal *Notícias do Dia* viram mais um exemplar de múltiplo – obra reproduzida em série.

Raquel Stolf é pesquisadora e professora de artes visuais da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina). cursou artes plásticas também na Udesc e desenvolveu pesquisas de doutorado e mestrado em artes visuais na UFRGS (Universidade Federal do

Rio Grande do Sul). A artista vem construindo projetos, proposições e publicações que envolvem desdobramentos em instalações, ações, intervenções, vídeos, fotografias, textos e desenhos. Tem interesse nas relações entre processos de escrita e situações de escuta, nas interseções entre palavra e silêncio.

Fran Favero é graduada em ciências biológicas pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), e em artes visuais pela Udesc. Em 2012, realizou mobilidade acadêmica para os cursos de bacharelado em artes visuais e midiáticas e em história da arte da Université du Québec à Mon-

treal, em Montreal (Canadá). Seus projetos estão inseridos no campo dos multimeios, abrangendo principalmente a fotografia, a imagem em movimento e os usos do som.

A mostra “Múltiplos” reúne obras de 45 artistas de todo o mundo. Na proposta da exposição, que exhibe trabalhos de Man Ray, Carlos Scliar, Waltércio Caldas, entre outros, a ideia de obra “original” é substituída pela de “série” ou de “reprodução”. Na terça-feira passada foram publicadas obras de Leticia Cardoso e Alexandre Sequeira. No dia 5 de janeiro, o artista Franzoi encerra o projeto. Confira as obras desta segunda impressão nas páginas 4 e 5.

Notícias do Dia - Geral

"Correspondência à moda antiga"

Correspondência à moda antiga / Clube da carta / Mensagens / Correios / Correspondência / Caligrafia / Redes sociais / Aplicativo / Telefone / Telegrama / Internet / Alceu de Amoroso Lima / Adrielly Cavalheiro / Florianópolis / Escola Bolshoi / Joinville / Biblioteconomia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Nordeste / Thaís Ribeiro / Santo Antonio de Jesus / Bullying / Ana Kalline Vital / Congonhas / Violência

EDITORA: Roberta Kremer ✉ roberta.kremer@noticiasdodia.com.br @ND_Online

Correspondência à moda antiga

Clube da Carta. Grupo de várias partes do país retoma prática de enviar mensagens pelos correios

Florianópolis, 29 de dezembro de 2015.

Caro leitor,
Imagino que tenha estranhado receber esta correspondência e que nem reconheça minha caligrafia. Deves pensar que eu poderia ter utilizado as redes sociais ou mesmo algum aplicativo para enviar mensagens instantâneas e fotos de família. Entretanto, te peço que não encares minha ação como uma bizarrice, mas sim como um ato de pura nostalgia. A humanidade mal se deu conta, mas desde a invenção do telefone e do telegrama, muitas mensagens deixaram de ser escritas ou foram abreviadas. O surgimento da internet quase aboliu um hábito que uma infinidade de pessoas nem chegou a cultivar: o de escrever cartas.

Observo ainda que devido à urgência contemporânea, o imediatismo passou a ditar o ritmo das relações suprimindo muitas das vezes até mesmo o direito de sentir saudades, como disse certa vez um sereno professor. Ressalto ainda que durante milênios os registros escritos à mão foram imprescindíveis e, muitas vezes o único meio de levar boas ou más notícias. Preciso mencionar que as epístolas foram usadas por artistas, políticos e anônimos no último ato antes de se despedirem da vida. Romanos arrebatadores foram alimentados, relações familiares foram fortalecidas em tempos de guerra e de paz. Pregações religiosas cruzaram os mares em busca de novos fiéis.

Como assegurou o crítico literário Alceu de Amoroso Lima: "A correspondência era a mais agradável das conversas." Portanto, comunico que doravante utilizarei os serviços dos correios, bem como o ofício intrínseco do carteiro, no intuito de reunir memórias para futuras gerações. Faço isso após ser sensibilizado pelas histórias de três moças que não se conhecem, porém alimentam fortes laços de amizade ao exercitar o preenchimento de linhas com seus pensamentos e sentimentos. Elas fazem parte do Clube da Carta.

ALESSANDRA OLIVEIRA
@alessandra_ND



Pedido ao entregador. Recado solicita que leve a mensagem com carinho



Laços afetivos. Adrielly mora em Florianópolis e se comunica por cartas com amigas que nunca viu de vários Estados do país

Nunca se viram, mas se conhecem

O gosto por cartas surgiu durante uma atividade escolar, no ensino fundamental. A prática, mantida por alguns meses caiu no esquecimento ao fim do ano letivo. Anos mais tarde, já na universidade, a estudante Adrielly Cavalheiro, 19 anos, soube por meio de um blog da existência de um grupo de pessoas de diversos pontos do Brasil que, embora não se conhecessem, se correspondiam utilizando o serviço dos Correios. O grupo era fechado, com vagas limitadas. Foi preciso esperar a desistência de um membro para que a moradora de Florianópolis pudesse fazer parte do "Clube da Carta".

Ao entrar no grupo, o iniciante deve escrever aos veteranos e se apresenta detalhando seus gostos e características pessoais. Lógico que Adrielly falou sobre signos, filmes, livros e músicas. Também relatou sua experiência como bailarina na Escola Bolshoi, em Joinville, cidade

onde nasceu e viveu até os 18 anos, quando se mudou para Capital para cursar biblioteconomia na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Como se referindo a uma amiga de infância, a estudante assegura que a afinidade com algumas moças e senhoras do Clube cresce a cada nova abertura de envelope. "É semelhante a uma amizade tradicional, a intimidade aumenta na medida em que encontramos gostos parecidos aos nossos. A confiança chega ao ponto de não haver mais segredos", detalha a jovem, que há dois anos acumula quase uma centena de cartas de pessoas com as quais nunca se encontrou pessoalmente.

O grupo tem atualmente 43 membros entre 18 e 66 anos, sendo que apenas quatro são homens. Os endereços são disponibilizados em uma rede social, mas os participantes evitam contatos virtuais até para terem assunto para as cartas.



Nostalgia. Cartas são escritas à mão e juntos são postados desde origamis e fotos até cartões postais

À espera do carteiro

Nas postagens via correio tradicional, os envelopes levam e trazem fotos impressas, cartões postais, origamis e lembrancinhas. As cartas podem ser de papel reciclado pelo próprio autor, ou receber detalhes como colagens, poemas ou desenhos. "Existe uma magia em esperar pela correspondência, em aguardar para ler as respostas às perguntas que fiz na última carta. Aquece meu coração descer os olhos pelas linhas da folha e saber sobre a casa nova, a mudança de emprego, a cura da doença, as viagens. As frustrações também são divididas, fazem parte. Quando há reciprocidade, os laços afetivos vencem a distância imposta pelo mapa", observa entre sorrisos Adrielly. "Se tudo der certo, em janeiro irei ao Nordeste para conhecer a Kal e participar de seu casamento", diz, ao se referir a uma de suas melhores amigas do Clube.

Muitas das cartas escritas por Adrielly têm como destino a caixa de correios da estudante de psicologia Thais Ribeiro, 21. A jovem baiana é uma das administradoras do clube. Com pelo menos 35 das 43 pessoas do grupo, a moradora de Santo Antônio de Jesus (BA) se corresponde com maior frequência.

A segurança e os laços afetivos crescem a cada vez que a caixa dos Correios recebe novos envelopes. As cartas chegam toda semana. Às vezes são três, mas podem chegar a 15. Para respondê-las, Thais



THAIS RIBEIRO, ANCIANO PESSOALINO

Dianteira. Thais Ribeiro, da Bahia, é uma das fundadoras do clube

aproveita os intervalos entre as aulas, os fins de semana e, em muitos casos, se priva do descanso para escrever durante a madrugada. A espera pela resposta, parte intrínseca ao processo tradicional de correspondência, causa ansiedade. Mas a angústia é sanada quando os olhos identificam o tão esperado nome do remetente no envelope.

"Às vezes, demora mais que o normal. Já esperei dez meses para receber uma carta. O serviço dos Correios nem sempre facilita o nosso mundo de papel e caneta", observa sobre seu modelo preferido de comunicação. "Quem escreve cartas sempre envia um pouco de amor ao remetente e com certeza recebe amor em troca", acrescenta Thais.



Criatividade. Envelopes podem ser de papel reciclado ou receber colagens, poemas e desenhos

Após bullying, o refúgio no papel

Adolescente tímida, acima do peso e com óculos que enfeavam a face fizeram de Ana Kalline Vital, 23, uma vítima perfeita de bullying. Na tentativa de fugir das agressões e do isolamento e ter sua voz ouvida, a menina utilizava o correio elegante da sala de aula. Mas os resultados foram ainda mais desastrosos. Cada palavra escrita virava munição nas mãos dos zombadores. Hoje, ao ler e ser lida, a jovem percebe que superou aqueles tempos e entende que as experiências – majoritariamente negativas – fizeram dela uma pessoa atenta às necessidades alheias. "Ajudar meus amigos por meio de meus textos engrandece minha alma. Cada carta é uma experiência diferente. A maioria dessas pessoas não é ouvida em suas casas, creio que por essa razão elas se sentem tão à vontade para partilhar seus anseios, medos e também suas conquistas, ainda que aparentemente infimas. Ao escrever, exponho algo que sai de dentro de mim, assim como elas também o fazem. Desta forma, ambos crescemos", acredita.

De Congonhas (MG), a auxiliar administrativa envia até 20 cartas a

cada semana. Seus envelopes são cuidadosamente decorados antes de serem enviados a outros estados e países. Kal – como é conhecida – participava de um grupo de correspondência tradicional que veio a se dissolver. Para não perder as amizades já conquistadas, ela se uniu a Thais Ribeiro, uma das mais ativas no antigo grupo, e criou há dois anos o Clube da Carta. As duas dividem o gerenciamento das atividades, dentre elas o controle de atualização de endereço e a manutenção de regras, como a de não ficar mais de quatro meses sem escrever sem justificativa.

O hábito de escrever cartas Ana Kalline mantém há 11 anos, razão pela qual acumula um baú com histórias pessoais e mais de 3.000 postagens nos Correios. Incluindo os 43 membros do clube, a auxiliar administrativa tem quase 200 correspondentes. A maioria são mulheres entre 13 e 66 anos. Tão diferentes quanto os pontos geográficos são as profissões, como advogadas, donas de casa e professoras. Um objetivo é comum: compartilhar experiências de vida usando papel e caneta.



ANA KALLINE VITAL, ANCIANO PESSOALINO

Solidariedade. Ana Kalline teve apoio de amigos de cartas para vencer câncer

Manuscrito liberta da violência em casa

Em muitos dos envelopes, os remetentes deixam recadinhos aos entregadores, pedindo que eles levem as mensagens com cuidado ao seu destino final. O tempo para responder às cartas ela encontra ao se afastar da internet.

Kal é pessoa de choro fácil. E foi secando os olhos que ela leu o relato de abuso em uma inesquecível carta. As quatro páginas carregadas de angústia provocaram uma reação na destinatária. "Alguém precisava acabar com a violência que durava mais de dez anos. Consegui contatar a mãe da vítima e lhe contei o que se passava em sua própria família. O abusador foi denunciado e nunca mais tocou nela", revela sobre o episódio que lhe abalou emocionalmente e que tornou possível mudar o mundo de uma jovem

amedrontada pela violência na própria casa. "O que divido com as pessoas é forte e muito sincero. O que recebo em troca também é. Esse sentimento os meios digitais não conseguem transmitir. E sim, é possível ajudar, amar e sentir saudade de alguém que nunca abracei, ou toquei", garante. Ana, que faz as vezes de terapeuta dos correspondentes, passou por uma inversão de papéis há um ano, quando recebeu o diagnóstico de câncer. Durante o combate à leucemia, ela viu o volume de cartas crescer em sua caixa de correios. As mensagens de apoio continham piadas e frases motivadoras que expressam a crença na cura. Com a saúde recuperada, Ana ocupa a mente com os preparativos do casamento, mas sem abrir mão de escrever para os amigos unidos pelos carimbos e selos.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 29/12/2015

[UFSC divulga boletim de desempenho do Vestibular de Verão 2016](#)

[Vestibular UFSC 2016: Coperve divulga Boletim de Desempenho Preliminar](#)